



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IX ★ — SETEMBRO DE 1968 — ★ — Nº. 9

PRODUTOS DE BLUMENAU

A PROCEDÊNCIA

GARANTE A MELHOR

QUALIDADE

PERFUMARIAS — MEDICAMENTOS

PROCURE

S U A F A R M A

A MAIS TRADICIONAL

—  —
LAQUÊ BLUMEN

O fixador perfeito para o seu cabelo

Blumenau

em Cadernos

TOMO IX ★ — SETEMBRO DE 1968 — ★ — Nº. 9

UMA INTERESSANTE BIOGRAFIA

Carl Gottlieb Schneider teve particular atuação na vida social e administrativa da então Colônia Blumenau. Tendo vindo para cá em 1854, portanto 4 anos após a fundação da mesma Colônia, aqui se radicou, prestando assinalados serviços ao Dr. Blumenau e à nascente comunidade.

Era fabricante de canoas e carpinteiro. Além disso, era músico e como tal, regeu uma banda e participou de outras como instrumentista.

Durante muitos anos serviu de estafeta entre Itajaí e a Colônia Blumenau. Nos primeiros tempos desta Colônia, a correspondência que vinha dirigida aos seus moradores, do país e do estrangeiro, ficava no pôrto de Itajaí, geralmente na Barra do Rio, aos cuidados do encarregado do Barracão de Imigrantes, que ali existiu, no local em que se encontra, atualmente, a Fábrica de Papel. Dali, um próprio — que por muitos anos foi êsse Schneider — transportava-a de canoa até à sede da Colônia, cuja direção se encarregava de distribuí-la aos respectivos destinatários.

Carlos Schneider não tinha grande preparo intelectual. Mas era homem inteligente e de iniciativa. Assim, alguns anos antes de sua morte escreveu alguns apontamentos biográficos que os seus descendentes deveriam ir completando pelos anos adiante. Infelizmente, assim não aconteceu. Os filhos não se preocuparam muito com a sua genealogia e os dados registrados não passaram dos que o pai deixara escritos. Seus filhos também foram músicos, assim como alguns netos e, possivelmente, bisnetos. Uma de suas filhas, Luiza, nascida a 22 de maio de 1868, casou-se com Ernesto Bernhardt, também músico e que formou, depois, uma orquestra com os próprios filhos, com os quais percorreu alguns Estados brasileiros e a Argentina e o Uruguai, dando concêrtos.

Embora sem a desejada continuidade, vamos traduzir para os leitores de "Blumenau em Cadernos" o que Carlos Schneider deixou escrito a respeito da sua vida. É pouca coisa e muito simples, mas dá bem uma idéia do que eram os nossos primeiros colonos: homens que não se limitavam a trabalhar e a produzir para o próprio e o bem estar da comunidade, mas também se interessavam pelas coisas da inteligência. Eis a autobiografia de Carl Schneider, tal como êle a deixou aos seus descendentes.

O caderno tem por título: "Familien - Archiv fuer die Familie Schneider. Blumenau, den 17 Januar 1886" (Arquivo da Família Schneider, "Blumenau, 14 de janeiro de 1886. Eu Carl Gottlieb Schneider, nascido em Kreibau bei Heynem, distrito governamental de Liegnitz, Prússia, desejo que esta Crônica Familiar seja continuada indefinidamente, pois será de interêsse para os porvindouros da Família Schneider daqui a alguns anos, saberem alguma coisa dos seus antepassados e desejo que esta Crônica seja continuada pelo filho mais velho da Família na mesma forma desta.

Se fôr o caso de que o filho mais velho não seja competente, isto é, não seja capacitado para prosseguir nesta Crônica, esta deverá ficar com o filho imediato que a prosseguirá a respeito da sua família, da mesma forma como estou fazendo, registrando, assim, o aparecimento dos seus descendentes, as suas ocupações e, principalmente, os principais acontecimentos da sua vida, registrados em poucas linhas.

Quando eu tinha os meus doze anos, aprendi música. Mais tarde, porém, não tive oportunidade de exercê-la até que, muitos anos depois, já aqui no Brasil, recomecei a tocar.

Ensinei a arte a meus filhos e, com êles fiz algumas excursões artísticas à Província do Paraná e continuei, pelos anos adiante, com sucesso, a exercer essa arte.



Wilhelm (Guilherme) Schneider, nascido em 6 de julho de 1888, filho de Hermann Schneider e Luíze Reif, neto de Carl Schneider e Carolina Reif. Foi comerciante em Bom Retiro e um musicista apaixonado.

Tenho ainda que notar que eu era chamado pelos meus pais pelo nome de "Gottlieb". Como, porém, para os brasileiros o nome era incompreensível e quase que impronunciável, passei a usar o meu outro nome de CARLOS. Isso, entretanto, não tem nenhuma importância. As minhas ocupações no Brasil foram, principalmente, fabricante de canoas, músico e carpinteiro.

Genealogia da Família Schneider: Eu, Carlos Schneider, nascido em Kreibau bei Heynau, Distrito governamental de Liegnitz, em 24 de fevereiro de 1831, fui confirmado em 6 de abril de 1845 pelo Pastor Nuernberger.

Meu pai, Gottlieb Schneider, operário em Kreibau e que não sei onde nasceu, participou da guerra contra a França de 1813/14, sob a bandeira da Prússia e, na ponte sôbre o Peressina (Rússia) quebrou uma perna o que se poderia notar quando êle andava. Êle contava 85 anos de idade quando eu emigrei para o Brasil e estava ainda bem forte. Meu pai morreu em 6 de setembro de 1858.

Minha mãe, Eleonora Schneider, nata Reimnitz, nasceu em Greulich bei Bunzlem. Seu pai era carpinteiro de carros. Ela morreu no dia em que completava 70 anos, a 11 de março de 1865. Nascera em 11

de março de 1795.

Depois da minha confirmação eu segui para Altenlohm bei Fieze onde fui guardador de vacas; de lá fui para Modelsdorff, como pastor de carneiros e posteriormente para Altzenau para tabalhar numa fazenda de criação de carneiros. De lá retornei a Modelsdorf, para trabalhar em casa de Gottlob Reiche, ainda como pastor. Daí fui para Oberharpersdorf, para outra fazenda de carneiros e de lá para Goldberg, como pastor na propriedade de Gottlieb Riedel. Depois estive pouco tempo como pastor no sítio de Rothe, em Kaiserswaldau e de lá fui para a casa paterna, com o propósito de emigrar.

Eu queria emigrar para a América do Norte. O dinheiro que eu tinha para isso, quando deixei a casa paterna, era 34 táleres, 9 silbergroschen e 4 pfenig. Com êsse dinheiro eu pretendia ir da casa paterna em Kreibau até a América do Norte.

Fiz a viagem de Kreibau até Hamburgo a pé. Deixei a casa paterna a 31 de março de 1854 com a citada soma de dinheiro, um pão que a minha querida mãe me dera e uma pequena vazilha com manteiga, presente do meu padrinho Hass. Fiz a viagem passando por Sprottau, Cressen, Berlin, etc. e cheguei em Hamburgo a 15 de abril do mesmo ano. Lá me pediram pela passagem até Nova York 70 táleres. Depois de muitas tentativas, aconteceu que eu encontrasse um homem de nome Wilhelm Hautz que se prontificou a fornecer-me o que me faltava para a viagem até o Brasil. A passagem custou de Hamburgo até São Francisco, no Brasil, 75 táleres. Embarcamos a 5 de maio de 1854. O nosso navio, chamado LINDA, era um veleiro de três mastros, muito veloz.

A nossa viagem foi muito boa e ligeira e nada mais aconteceu nela de importante do que o nascimento de uma criança. Saíramos de Hamburgo com 206 pessoas e desembarcamos com 207 a 22 de junho em São Francisco, no Brasil.

A viagem de São Francisco a Blumenau foi feita a pé, pela costa do litoral. Chegamos a 9 de julho em Blumenau, onde, com exceção de uma pequena clareira limpa, era tudo mato fechado. As suas casas não passavam de pequenos ranchos de palmito, que servia de cozinha e uma casa grande, havia pouco terminada. (de Friedenreich)

Trabalhei ali alguns meses como trabalhador braçal e depois fui trabalhar num engenho de serrar madeira, no Pequeno Itajaí (Pedras Grandes) em casa de Paul Kellner. A 9 de novembro de 1855, ali apareceram os bugres e mataram dois homens e o próprio Paul Kellner foi ferido com duas flechadas de que se curou depois de longo tempo de tratamento. Eu fui roubado em todos os meus pertences. Dali eu fui para o engenho de serrar em Águas Claras.

Depois de alguns anos eu regresssei a Blumenau onde aprendi com Joaquim do Lívero (deve ser de Oliveira - N. da R.) o ofício de fazer canoas,

No ano de 1855, a 19 de novembro, tivemos uma grande enchente que foi de 4 palmos menos que a de 1880.

No ano de 1858, eu comprei o lote de terras num pequeno ribeirão acima da confluência do Rio Garcia. Conheci então minha mulher e casamo-nos a 19 de abril de 1859.

Minha mulher, Carolina Schneider, nata Reif, nasceu em Schwalungen, granducado de Meiningen, a 21 de novembro de 1840, filha de João

Reif e de sua mulher Cristina Reif, nata Röder.

Filhos: O meu primeiro filho Henrique ERNESTO Schneider, nasceu em Blumenau a 8 dezembro de 1859. Batizado em Blumenau.

Maria Teresa, a segunda, nasceu a 18 de agosto de 1861, falecida a 6 de janeiro de 1863, com a idade de um ano e 4 meses e 28 dias.

Frederico HERMANN Schneider, o terceiro filho, nasceu em Blumenau a 7 de setembro de 1863, às 11 horas da noite. Batizado em Blumenau.

Guilherme RICARDO Schneider, nascido em Blumenau a 15 de abril de 1866, batizado em Blumenau.



Carl Gottlieb Schneider e sua mulher Carolina Otilia Reif, casados em 19 de abril de 1859, em Blumenau. Carl Schneider é o autor da memória que aqui publicamos. Prestou serviços a Blumenau como estafeta da correspondência que da Europa e de estados brasileiros era dirigida aos colonos da nascente Colônia do Dr. Blumenau.

Luiza Tereza Schneider, minha quinta filha, nascida em Blumenau a 22 de maio de 1868, pelas 4 horas da manhã batizada em Blumenau.

CARL Gottlieb Schneider, sexto filho, nascido às 10 horas da manhã de 28 de fevereiro de 1870, em Blumenau e aí batizado.

Lina ANA Schneider, sétima filha, nascida a 10. de março de 1872, em Blumenau e aí mesmo batizada.

Bianca EDWIGES Schneider, oitava filha, nascida às 5 horas da manhã de 14 de junho de 1874, em Blumenau onde foi batizada.

Friederich WILHELM Schneider, nono filho, nascido em Blumenau a 3 de março de 1876. Falecido de bexiga preta a 16 de agosto de 1878.

João PAULO Schneider, décimo filho, nascido em Blumenau a 18 de março de 1808, onde foi batizado.

Frederich ERWIN Schneider, undécimo filho, nascido a 20 de janeiro de 1880 em Blumenau e aí batizado.

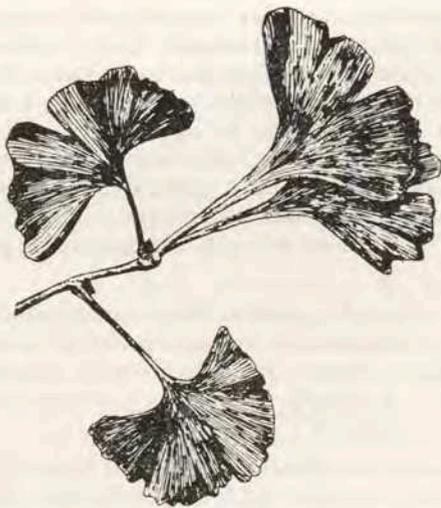
Carolina EMÍLIA Schneider, 120. filho, nasceu a 31 de março de 1882, em Blumenau, onde foi batizada.

Tenho que fazer mais uma triste anotação: A minha filha Carolina Emília pereceu afogada a 5 de setembro de 1889 quando brincava numa canoa, no meu pôrto, tendo caído nágua. Quinze minutos depois retirei-a já cadáver. Todos os recursos de que o médico lançou mão foram inúteis.

No dia 6 de março de 1899, pereceu afogado, quando atravessava o rio, o meu filho primogênito Henrique ERNESTO, com 39 anos e 3 meses".

Até aqui as anotações de Carlos Schneider.

Estimaríamos que os parentes dêsse veterano blumenauense continuassem as anotações biográficas, suas e dos seus descendentes, até a presente geração. Ainda está em tempo.



A GINGKO

BILOBA

A árvore sagrada da China, cercada de veneração e de lendas que, muito antes que o homem aparecesse sobre a terra, já dava sombra, na sua forma atual, aos sáurios gigantes da infância do mundo.

Renata Rohkohl DIETRICH

Para os povos do Oriente a árvore sagrada não é o Freixo Ygdrasil, como o é para os germanos, mas sim a Ginkgo Biloba.

Em tôrno dessa árvore, os asiáticos teceram lendas e fábulas; admiram-na e somente muito e muito mais tarde um poeta ocidental ocupou-se dela em estudos inéditos e em versos magníficos.

Porque tanta maravilha em tôrno de uma árvore tão simples? Em virtude da história do seu desenvolvimento e da originalidade das suas fôlhas, é que ela tem atraído a atenção dos estudiosos.

Na era secundária do nosso planeta, milhões e milhões de anos depois do período cretáceo e milhões de anos antes do aparecimento do primeiro homem, já existia no mundo a Ginkgo Biloba. As plantas características daquele período eram as coníferas (com fôlhas aciculares) e as araucárias e entre estas a Ginkgo, a única com fôlhas diferentes. O reino animal, então, se distinguia pela forma gigantesca dos sáurios, dos dinossauros e dos dragões.

A Ginkgo Biloba atravessou todos os tempos e climas, desde o período cretácio até a época atual, com a sua forma já então característica. Ela é única no reino vegetal, na forma de suas fôlhas, compostas de duas não de todo separadas. Essa originalidade deu motivo a uma lenda que é, mais ou menos, assim:

“Os primeiros homens nasceram da Ginkgo Biloba e, como as fôlhas desta, êles eram unidos pelas partes inferiores e separados pelas superiores. Homem e mulher constituíam uma surpreendente unidade, ao mesmo tempo que uma dupla maravilhosa. Êles permaneciam identificados em tôdas as particularidades do seu desenvolvimento, alimentando-se da seiva que, partindo das mesmas raízes, lhes davam vida e sustento, conservando-os eternamente unidos. A separação de corpos, nos começos da humanidade, custaria a vida ao homem e à mulher. Um não poderia viver, um momento sequer, sem a outra. Só poderiam viver um para a outra, e pela outra, serem um só na mesma maravilhosa dualidade.

Terríveis tempestades que sacudiram a árvore sagrada até as suas mais finas raízes ou, talvez, o fastio pela felicidade constante que a eterna união lhes proporcionava, espalharam as fôlhas, dividiram-nas, quebrando-lhes a milenar união em que viviam. E o homem e a mulher começaram então a andar separados sôbre a terra. A sua unidade física foi quebrada e êles se tornaram dois. E começou, entre êles, uma busca incessante, ansiosa, pela antiga união de seus corpos e de suas vidas. Mas, quanto mais se esfalfam e se cansam para voltar à antiga condição não o conseguem mais. E a unidade física e espiritual só alguns a encontram e assim mesmo por fugazes momentos da existência terrena”.

Johann Wolfgang von Goethe viu, pela primeira vez, a maravilhosa árvore no parque do Barão von Stein. Estudou cuidadosamente as suas fôlhas e, num extraordinário lampejo do seu gênio, descobriu o que nem a experimentados botânicos fôra dado, que “a Gingko Biloba é o degrau intermediário entre as coníferas e as demais árvores”.

Mais tarde, já como Conselheiro Von Goethe, com 80 anos de idade, universalmente conhecido como gênio e poeta, e, sob o calor de seu derradeiro amor que acendeu os magníficos versos do seu “Divan do Oriente e do Ocidente” êle mandou à jovem Mariana de Willemer uma fôlha da Gingko com as seguintes estrofes:

Dieses Baumes blatt, der von Osten
Meinem Garten anvertraut,
Gibt geheimen Sinn zu kosten,
Wie's dem Wissendem erbaut.

Ist es ein lebendig Wesen?
Das sich in sich selbst getrennt;
Sind es Zwei? Die sich erlensen,
Dass man sie als Eines kennt.

Solche Frage zu erwiedern
Fand ich wohl dem rechte Sinn;
Fuehlst du nicht an meinen Liedern,
Dass ich Eins und Doppelt bin?

ou em precária tradução:

A fôlha desta árvore, que do Oriente
Foi confiada ao meu jardim,
Encerra conhecimentos e mistérios
Em que os sábios se comprazem.

Será ser vivo, que é único
E que por si mesmo se dividiu?
Ou são dois? Que se escolheram
E que num só se mostram ser?

Para responder esta questão
Encontrei o sentido exato.
Pois você não sente nos meus versos
Que eu sou um e também dois?

Feliz Marianal! Pois quem jamais teve a felicidade de receber uma tão original e erudita declaração de amor, através da simples fôlha de uma árvore? Ele quiz dizer: "Em ti, eu encontrei a mulher que desde o comêço me estava destinada e que fôrças extranhas me obrigavam a procurar insistentemente. Em ti eu me dupliquei, completando-me."

Essa é a mensagem que nos traz a Gingko Biloba: unidade eterna aberta em dualidade e que, por isso mesmo, se afirma sempre mais como um todo indivisível. Mas ela não nos traz, apenas, a animadora mensagem da perfeita união de dois seres num só, mas, também, a dos surpreendentes encargos do desenvolvimento da personalidade de cada um.

Uma árvore destas, um exemplar da Gingko Biloba, planta que já existia no período cretácio da nossa terra e que inspirou tantas legendas e tanta poesia do maior de todos os gênios, poderia existir aqui, na nossa Blumenau? Sim, ela existe, única em Blumenau e, provávelmente, única em Santa Catarina. Existe num parque antigo, mas ao invés de dar sombra sôbre dinossauros e sôbre dragões, enfeita as imediações de um pequeno tanque em que nadam peixes dourados que um "Maenneken-Piss", blumenauense nato, observa com cuidado e alegria.

E se vocês, caros leitores, acompanham com atenção o que lhes leva, mensalmente, "Blumenau em Cadernos", devem ter lido muita coisa sôbre êsse interessante parque, que pertenceu à Dona Edite Gaertner e hoje se encontra sob a guarda e os cuidados da Biblioteca Pública.

Façam uma visita à Gingko Biloba. Ela já se afêz à admiração geral.

Se fôr primavera e verão, ela estará coberta de lindas fôlhas verdes, bi-partidas. E certamente, uma lhes será presenteada, como recordação de um retiro magnífico, fruto da paciência e do amor à Natureza do fundador da Colônia e de seus parentes. No outono, as suas fôlhas estarão amareladas, em vias de caírem ao solo, para darem lugar a novas roupagens, sempre frescas e louçãs. Os primeiros frios de inverno despem a árvore, atapetando as aléas do parque de um lençol de fôlhas amarelas e murchas que, tristemente, fixam os braços nús da planta, voltados para o alto, como a esperar a neve que, no seu habitat nativo, cobria os seus ancestrais e que aqui nunca chegará.

Mas virão, muito logo, as quentes brisas de outubro e, de cada rebento, saltarão novas fôlhas, nova vida, comêço de um novo ciclo vegetativo da mais maravilhosa de tôdas as plantas.

Entre muitas outras particularidades da Gingko Biloba, pode-se destacar a de que as suas flôres são unissexuadas e praticamente escondidas, mal sendo distinguidas entre a espêssa ramagem.

Afirma-se que, quanto mais para o Sul elas cresçam, menor é a abertura das suas fôlhas, sendo, assim, um símbolo da maior união que há entre as famílias dos países do hemisfério Sul.

Recentemente, médicos alemães descobriram na Gingko Biloba uma substância capaz de curar os resfriados e gripes, em poucos minutos, substancia que se acha ainda em experiências nos institutos competentes.

É, enfim, uma árvore exótica e maravilhosa.

REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Quem foi que disse, que Gaspar já não teve período de mineração?

Não foi uma corrida atrás do ouro, como aconteceu na era colonial em Minas Gerais, nem atraiu um mundo de aventureiros, como aconteceu na Califórnia no século passado, mas houve mineração em Gaspar e é dela que hoje quero falar.

Até poucos anos atrás, quem de Gaspar se dirigia a Poço Grande via na margem esquerda do rio Itajaí, quase totalmente envolvida pela mata, mostrando um telhado de zinco meio enferrujado, uma casa de madeira já quase em ruínas e despojada de suas janelas. Foi ali que residiu o "americano", cujo nome, se não me falha a memória, diziam que foi Richard Brown. O "americano, como Mr. Brown era conhecido na região, foi um personagem um tanto misterioso e ninguém sabia dizer, se se tratava de um engenheiro, de um geólogo, de um excêntrico ou de um simples aventureiro. No que todos concordavam quando falavam dele, é que dispunha de bastante dinheiro, que vestia com aprumo e que pouco contato mantinha com os moradores circunvisinhos. Diziam, que ele procurava carvão, que supoz encontrar-se no pequeno promontório à margem esquerda do rio, em cuja encosta construira a sua residência. Falavam, que teria feito escavações na base do morro e tentativas de nele introduzir túneis. Certamente o homem não encontrou o carvão de pedra que dizia procurar. Talvez nem o estivesse procurando, pois ninguém sabia ao certo, o que o misterioso personagem estava fazendo naquele local isolado.

Grande alvoroço se apoderou de todos os moradores de Gaspar e de Poço Grande, quando certo dia o "americano" desapareceu. Ele não havia feito qualquer comunicação a quem quer que fosse, que abandonaria a sua morada. Quando foram até a casa dele, constantaram que todos os seus pertences nela haviam ficado, mesmo a roupa e outros objetos de uso pessoal. Decorridos uns oito dias após o desaparecimento do "americano", alguém teria afirmado, ter encontrado à margem do ribeirão Gasparinho, onde este enboca no Itajaí, um par de sapatos marrom, iguais aos que o "americano" usava. Nunca soube, se tal achado foi confirmado e se a polícia local tomou qualquer iniciativa para elucidar o caso do desaparecimento de um homem, que, embora vivesse praticamente isolado, contudo era objeto de curiosidade em meio de uma população simples e acolhedora, que aos advenas dispensava as melhores atenções.

Nunca mais se soube do paradeiro do "americano". Em torno de sua pessoa e de seu desaparecimento corriam os mais desconhecidos boatos. Conjeturava-se, que teria cometido suicídio, que teria sido assassinado para roubar-lhe o dinheiro, que teria voltado à sua terra, hipóteses todas elas, pouco críveis, exceção a do assassinato, em face dos indícios palpáveis, se é que era verdade, que teriam achado os sapatos e nunca encontraram o corpo do homem. Se foi esta a causa do desaparecimento do "americano", o crime devia ter sido cometido por pessoa de fóra, uma daquelas ruínas humanas que naquela época de vez em quando apareciam em Gaspar, mas que pouco lá se demoravam.

Aquela casa ficou por muito tempo a desafiar a curiosidade de muitos e a sua vista, devido o mistério que a envolvia e seu aspecto um

tanto tétrico, causava calafrios a muitos outros que lá passavam. Viam nela fantasmas e espectros e esperavam a cada momento, ver nela aparecer o "americano" a acenar-lhes para acompanhá-lo ao além.

Alguns anos mais tarde, dois outros personagens, desta vez teuto-americanos, apareceram em Gaspar. Diziam-se geólogos e dispuzeram-se à lavagem do ouro aluvional num local situado bem ao alto de um dos contrafortes da serra do mar, no Gaspar Grande. Eram pai e filho e trabalhavam durante semanas na lavagem do ouro. Só vinham a Gaspar, quando precisavam comprar víveres, receber e expedir correspondência. Nessas ocasiões sempre paravam em casa de meu avô materno, onde eu os conheci. Algumas vêzes chegaram a mostrar pequenos frascos de vidro contendo ouro aluvião, grãosinhos pequenos e alguns maiores, Recordo-me, que diziam a meu avô, que próximo à região onde trabalhavam, deviam existir consideráveis filetes de ouro, mas que sua extração não seria fácil e requeria aparelhamentos de que êles ainda não dispunham, mas que mandariam vir dos Estados Unidos. Um dia, porém, também êles deixaram o lugar. Não sei para onde foram e nunca mais soube dêles. Mais tarde, outras pessoas no mesmo local extraíam ouro do ribeirão das Minas, mas seja por falta de experiência ou seja porque lá já não existia mais ouro que compensasse uma exploração econômica, também elas abandonaram estas atividades.

Muito tempo mais tarde, eu já há muitos anos não mais me encontrava em Gaspar, soube que foram descobertas abundantes jazidas de ouro na região do morro do Baú. Diziam, que lá teriam sido extraídas grandes quantidades deste precioso metal. Não sei, até que ponto se pode acreditar nesses ricos achados, pois não me consta, que em virtudes dêles, grandes fortunas se criaram em Gaspar. Certamente acharam ouro nas proximidades do morro do Baú, mas também naquele local hoje não mais existe a mineração.

No meu tempo, muitas vezes falavam, que na região de Gaspar se encontrariam ricas ocorrências de Ferro. Creio que Gaspar, neste particular não é excepção, uma vez que é sabido, que toda a serra do mar acusa ocorrências de ferro em maior ou menor quantidade. Se existe ferro em Gaspar, ele deve encontrar-se especialmente no morro das Bateias, no Gasparinho, mas entre encontrá-lo e explorá-lo, vai um distância que provavelmente nunca será superada por algum empreendedor.

O ouro, porém, sempre foi e continua sendo, a grande sedução do homem. Em torno dele giram histórias e fatos, acontecimentos felizes uns, trágicos outros, e não raras vezes ele tem mudado o curso de vida de indivíduos e de povos. Também na minha terra aconteceu um fato, o qual, embora não tenha relação direta com a mineração e a exploração do ouro, todavia enriqueceu a crônica trocista de Gaspar com um acontecimento que muito divertiu aos que o provocaram. Contaram-me a história, quando numa das minhas periódicas visitas à minha terra natal, muitos anos depois de a haver deixado. Já me referi ao "americano", cujas terras ficavam à margem esquerda do Itajaí. Visinho destas terras, foi um pequeno sitiante, um desses tipos expertos, de andar ligeiro e costumes característicos dos nossos praiheiros. Era êle um mixto de sagáz e astuto, de ingênuo e manhoso, que gostava de conversas e sempre "sabia muita coisa". Quase que diariamente vinha até a cidade à tarde, para inteirar-se das "novidades"; fumava seu cigarrinho de palha e contava histórias de pescaria e de caçadas de arrepiar os cabelos dos que as ouviam. Seu ponto predileto sempre foi a oficina de um tanoeiro, que trabalhava para uma firma exportadora de aguardente. Este era o tipo do "gozador" e gostava de incitar o homenzinho, para que contasse as suas "histórias",

animando-o a enfeitá-las sempre mais com fatos inéditos. Ao grupo costumava juntar-se o farmacêutico, que viera do Rio de Janeiro e se estabelecera em Gaspar. Era êle, também, um desses homens que gostava de divertir-se à custa dos outros, se bem que o fazia com ares muito sérios e difficilmente traía as suas intenções de divertir-se com o que ouvia; ao contrário: com a cara mais séria, reforçava as fantásticas narrativas do sitiante, acrescenta-lhes fatos ainda mais espantosos. Certo dia, o tanoeiro e o farmacêutico combinaram pregar uma peça ao sitiante. Confabularam e quando o homenzinho chegou à oficina do tanoeiro, este lhe disse que soubera que o farmacêutico estaria interessado em comprar seu sítio para um grupo de americanos, que sabiam que nêle havia ouro em abundância. Pediu que nada contasse ao farmacêutico do que lhe estava dizendo, porque aquele lhe havia pedido segredo. O sitiante logo ardeu de cobiça e pediu ao tanoeiro que procurasse saber algo de mais positivo sobre o negócio e que, se este se realizasse, êle lhe daria uma boa comissão. Diariamente voltava à oficina e punha-se a escutar as conversas do farmacêutico. Êste, de vez em quando, deixava escapar uma frase alusiva ao suposto negócio, sem, porém, expressar-se claramente e procurando occultar do sitiante, o que pretendia dizer ao tanoeiro. "Os americanos escreveram-me novamente...", dizia ao tanoeiro, "recebí notícias dos homens..., querem que eu apresse o negócio...". Depois dirigia-se ao sitiante, com ares de quem nada queria, e perguntava: "Você estaria disposto a vender o seu sítio?" ao que o outro matreiramente respondia: "Depende da oferta..., quem sabe, posso vender, se me for feita uma boa oferta...". O farmacêutico mostrava-se aparentemente desinteressado, mas deixava sutilmente transparecer, que amigos dêle queriam comprar a propriedade do sitiante, para nela plantar cana de açúcar. Depois retirava-se e o tanoeiro dizia ao sitiante: "Não lhe disse? Êle quer comprar seu sítio para os americanos, porque nêle existe muito ouro... os americanos são homens de muito dinheiro". Nestas conversas passaram-se algumas semanas, até que um dia o tanoeiro disse ao sitiante: "Quando você está presente, o farmacêutico não se abre; só o faz, quando está a sós comigo; vou-lhe dar uma oportunidade para ouvir melhor o que êle diz sobre o negócio. Amanhã volte mais cedo e deite-se naquela tábua, debaixo do telhado, por cima de minha banca [de trabalho. Alí, escondido, você poderá ouvir tudo o que êle me diz'. Quando o sitiante se retirou, informou ao farmacêutico da combinação que fizera com o mesmo. Logo depois do meio dia, no dia seguinte, o sitiante apareceu e deitou-se sobre a tábua debaixo do telhado da oficina. Fazia um calor horrível, mas atendendo às recomendações do tanoeiro, conservou-se imóvel e calado. Não demorou, chegou o farmacêutico e foi logo dizendo ao tanoeiro: "Vou fazer o negócio da compra do sítio de Fulano, mas quero comprá-lo barato para ganhar bastante na venda aos americanos. Lá existe muito ouro e os americanos pagam qualquer preço". E, assim, foi falando umas duas horas, enquanto o sitiante sofria horrivelmente sob a ação do calor debaixo do telhado, mas sempre atento ao que em baixo falavam. Suando em bicas, êle desceu de seu esconderijo quando o farmacêutico se retirou da oficina, porém, bastante satisfeito com o que havia escutado. Apenas estava desgostoso por "ouvir as intenções do safado, que quer enriquecer à minha custa". No dia seguinte, o farmacêutico o interpelou diretamente: "Você quer vender seu sítio? Qual o preço que pede por êle? Eu posso comprá-lo com dinheiro à vista". Lembrado do que ouvira no dia anterior, o sitiante pediu um preço exorbitantemente elevado. Daí em diante, dia por dia, teve lugar uma pechincha das arábias: um pedindo muito, o outro oferecendo pouco, até que certo dia o farmacêutico, mostrando-se bastante aborrecido apa-

receu na oficina e foi logo dizendo ao tanoeiro, que os "homens" haviam desistido do negócio. E, foi andando... O sitiante pareceu petrificado com a notícia de que não mais venderia seu sítio e o tanoeiro lhe disse: "Veja, que negócio bom você perdeu; é que você pediu preço muito elevado". O sitiante começou a vociferar contra o farmacêutico, atribuindo a êste o malogro do negócio e daí em diante, quando vinha à cidade, só entrava na oficina do tanoeiro, depois de ter-se certificado e que lá não se achava o farmacêutico. Mas, a cidade toda já ficara sabendo do negócio e assim, a crônica jocosa de Gaspar ficou acrescida de mais um elemento que durante muito tempo era lembrado quando os gaiatos se reuniam para passar algumas horas alegres.

ESTANTE DOS "CADERNOS"

"CABINE B-73" - Diário de um turista - Nestor Seara Heusi - Oficinas Gráficas da Ind. Têxtil Companhia Hering - Blumenau, 1968.

A edição passada de "Blumenau em Cadernos" ofereceu-nos oportunidade de tratarmos do aparecimento de "Superfície", excelente obra de um blumenauense. Agora, com gentil dedicatória de seu autor, recebemos outro magnífico trabalho de um ilustrado e querido conterrâneo, nosso colaborador, Nestor Seara Heusi, itajaiense dos mais cultos que, há longos anos, desenvolve a sua atividade em Blumenau. O livro, de mais de cem páginas, registra, como deixa transparecer o sub-título, as impressões e fatos da viagem que o autor realizou, no ano passado, ao Velho Mundo. E o faz de uma maneira simples, concisa, amena e muito agradável. Lê-se o livro de uma estirada, sempre prêso à amenidade da descrição, vivendo-se-a de tal forma que se fica com a impressão de ter acompanhado o autor e os seus companheiros de viagem, às várias cidades que por êles foram visitadas. Sem se perder em minúcias desnecessárias, em longas e insípidas narrativas, Nestor Heusi nos conta, em seu livro, tudo quanto lhe foi dado ver e sentir nas 67 cidades dos 10 países visitados. E, acompanhando-o nas suas narrativas, sentimos-nos integrando a caravana de turistas, visitando os monumentos que a civilização levantou nos principais Estados da velha Europa, usufruindo as belezas naturais de terras privilegiadas, a cordialidade de povos diferentes, mas amigos. Um livro, enfim, que é encantamento e ilustração para o nosso espírito e cuja leitura recomendamos vivamente a todos. Abraçamos Nestor Heusi e com êle nos congratulamos pelo belo presente que fêz com o seu trabalho, às letras catarinenses.

"SIGNO", Revista da Academia Catarinense de Letras. Nº. 1, de Janeiro de 1968 — Sob a direção de Nereu Corrêa, veio à luz êsse magnífico mensário, totalmente dedicado à memória do ex-presidente da Academia Catarinense de Letras, Othon d'Eça,

nome dos mais brilhantes das letras catarinenses. Não resta dúvida que essa revista representa um extraordinário esforço da nova equipe dirigente da entidade que congrega os imortais catarinenses. Aliás, quando vimos à frente daquela entidade a pessoa ilustre de Nereu Corrêa, firmou-se-nos a certeza de que a Academia, enveredando por novos caminhos, seria sacudida do marasmo em que permaneceu por muitos e muitos anos. Não estamos nos desiludindo. Pelo contrário. A revista, que agora aparece, traz, em mais de cem páginas, magnificamente impressas, a afirmação de uma nova mentalidade a injetar nova vida, maiores estímulos no organismo da Academia. Nomes consagrados nas letras catarinenses assinam os principais artigos do número de estréia da Revista, como os de Altino Flôres, Nereu Corrêa, Tito Carvalho, Sílvia Carneiro da Cunha, Salim Miguel, Celestino Sachet, Egas Godinho (Oswaldo R. Cabral) e Oliveira e Silva, todos em altamente justas e lisonjeiras referências ao escritor e poeta que foi, por longos anos, o sustentáculo da Academia. Nereu Corrêa está de parabéns, como o estão, também, a Academia e as letras

Com um presidente dessa cultura, dessa atividade e dessa clarividência, a Academia Catarinense de Letras não pode deixar, senão, de ir para a frente e brilhantemente.

O assassinato do comandante do Vapor Blumenau

F. G. Busch Júnior

Antigamente, quando o comércio de Blumenau necessitava de mercadorias, com uma certa urgência, tinha que adquirir as mesmas em Itajaí, nas firmas Asseburg ou Malburg. E o intermediário nas compras era sempre o comandante do vapor "Blumenau", Krubeck. Quando um negociante qualquer necessitava de 2 sacos de açúcar, de um saco de farinha, de uma outra mercadoria, era só falar com o comandante Krubeck e, já no dia seguinte, a encomenda vinha pelo "Blumenau".

E não eram só mercadorias. Também recados, bilhetes, cartas, embrulhos.

Tudo o infatigável capitão transportava com o maior prazer, sempre atencioso, sempre alegre. Era um homem bom, prestativo. Não era, pois, de extranhar que todo mundo gostasse do comandante Krubeck. Todos o estimavam, recebiam-no prazerosamente em suas casas, cumulavam-no de obséquios.

Mas - como todo quê tem seu mas - o comandante Krubeck gostava de uma pinga. E quando esta lhe subia à cachola, êle virava valentão. E então tornava-se insuportável.

Certa noite, estava êle no Bar do Hotel Holetz bebendo em companhia do Oficial de Justiça Panoch. À uma mesa próxima estava sentado, tomando a sua cerveja, um polaco de nome Miguel Nita, deixando ver à cin-

tura uma pistola. Lá pelas tantas, Panoch, que vinha observando o homem armado, disse ao comandante Krubeck, que já andava com a pressão bem alta:

- Você sempre diz que é muito homem. Pois quero ver você tirar a arma daquele polaco e mostrar-lhe como se cumpre a lei que proibe andar armado.

O comandante não contou tempo. Aproximou-se de Nita e intimou-o a entregar-lhe a arma.

O polaco, sem perder a calma, fez ver que o comandante não era da polícia e, conseqüentemente, não tinha autoridade alguma para tirar-lhe a pistola e, pagando a sua conta, foi saindo porta a fora, para não criar maiores complicações.

O capitão Krubeck, decepcionado, não se deu por vencido e saiu atrás de Nita e, falando-lhe e ameaçando-o, acompanhou-o até à altura da atual Casa Coelho, onde então morava a família Kiesel. Ali, continuando Nita a negar-se em entregar a arma, o comandante agarrou-o por trás, procurando desarmá-lo à força.

Foi quando Nita, puxando da arma, desfechou vários tiros contra Krubeck, que caiu mortalmente ferido, morrendo logo depois. Enquanto o atingido era socorrido pelas pessoas vizinhas, Nita pôs-se em fuga.

Tôda essa cena foi assistida por meu pai, que, vindo do cinema, acompanhava, a uma distância de uns cinco metros, os dois que brigavam. Foi, assim, a única testemunha de vista.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, a cidade inteira alvoroçou-se. A grande estima que Krubeck desfrutava era razão suficiente para que não se indagasse quem era o culpado. E, mal surgira a manhã seguinte, organizaram-se grupos de populares para perseguir e prender o criminoso, enquanto o assassinado comandante era velado na casa Kersanach, onde hoje são a Casa Flamingo e Casa Lorgus, até que seu corpo foi transportado para Itajaí, onde foi dado à sepultura.

Miguel Nita, acossado pelos grupos, foi prêso. Submetido a julgamento, por duas vêzes, acabou fugindo da prisão.

Na mesma manhã seguinte ao crime, meu pai procurou o Promotor Público, sr. Manoel Barreto a quem contou todo o fato, tal como havia acontecido realmente, mas pediu-lhe que o não arrolasse na denúncia, para que não tivesse que enfrentar a opinião pública, franca e parcialmente favorável ao morto.

No seu número de 9 de abril de 1910, o jornal "Blumenau-Zeitung" publicava a seguinte notícia na Seção Local:

"O assassino do capitão Krubeck, Miguel Nita, que fôra julgado duas vêzes pelo Tribunal do Júri local, e condenado, da primeira, a 17 anos e da segunda a 13 anos de prisão e que havia apelado da segunda sentença, fugiu da cadeia na noite de sexta-feira para sábado da semana passada. O criminoso serrara um dos varões de ferro da janela, bem rente à parede, fugindo pela abertura. Parece que Nita tramou o escape com a família, a qual se retirara desta cidade dois dias antes da fuga, tendo, antes, visitado o prisioneiro. Em Itajaí, a família do assassino comprou passagem no "Mayrink", com destino ao Rio. Também Nita não estava sem dinheiro, pois, há pouco tempo chegara-lhe uma forte soma de dinheiro. Sua mulher não quiz recebê-la, alegando não conhecer o dinheiro brasileiro, por isso aquela soma foi entregue a Nita, diante de sua esposa. Do fugitivo não se tem, até agora, a menor pista e nem se sabe que direção êle tomou ou se ainda anda escondido por aqui. A polícia tomou logo as providências necessárias e estabeleceu uma gratificação de 100\$000 a quem o capturasse, ou informasse o seu paradeiro".

Um francês com os primeiros moradores de Itajaí

Em "Reminiscências", publicado na última edição de "Blumenau em Cadernos" (Tom. IX, págs. 153/57) o nosso ilustre colaborador, professor Henrique Zimmermann, escreve: "Falavam muito as pessoas a que me referi, num francês, morador de Itajaí, o qual, conforme sabiam de seus pais e parentes mais idosos, teria prestado grande ajuda aos imigrantes que de São Pedro de Alcântara vinham para Gaspar. Talvez êsse lendário "francês" tenha sido o deputado Agostinho Alves Ramos, o qual, na impossibilidade de entender-se com os colonos em português, idioma que êstes ainda não conheciam, com êles tenha se entendido em francês, língua que vários dêles falavam".

Realmente existiu um francês nas margens do Itajaí, pela época do estabelecimento dos primeiros alemães, vindos de São Pedro de Alcântara. Não era Agostinho Alves Ramos. Era um francês legítimo que, não sabemos por que cargas d'água veio ter a estas paragens. Há muito que êsse francês tem me intrigado nas minhas pesquisas em velhos documentos relacionados com os primórdios do povoamento do Vale do Itajaí. Não pude, ainda, dar uma busca nos arquivos dos cartórios de Itajaí, onde deve constar muita coisa a respeito, pois, parece que êsse francês exerceu intensa atividade relacionada com a venda de terras e povoamento da zona.

Acredito que êle tenha tido influência na atração dos colonos que, desgostosos com as terras de São Pedro de Alcântara, transferiram-se para outros recantos da então Província catarinense, principalmente para as margens dos dois Itajaí, o Açu e o Mirim.

Também não pude ainda esclarecer a dúvida relativa ao nome de família dêsse francês. Seu prenome era Carlos, ou Charles, em seu idioma. Quanto ao sobrenome, uns documentos dão-no como Monseor e outros como Mousseaux e outros ainda como Monsieur.

Realmente, numa informação de requerimento de terras dada pela Câmara de Pôrto Lelo, a que todo o território do Vale do Itajaí estava, administrativamente, sujeito, em 1838 (convém fixar bem esta data) consta o seguinte:

"Acórdam da Câmara: A Câmara Municipal da Vila de Pôrto Belo, à vista do requerimento em que Carlos Monseor, morador em Itajaí, pede quatrocentas braças de terras no Rio Itajaí, no lugar denominado Salto, do lado do sul e do despacho de V. Excia (o presidente da Província) em data de 3 do mês de outubro de 1838, tem de informar que à vista da Cópia do Edital junto de que foram afixados os originais durante o prazo de 30 dias, dentro dos quais não houve oposição alguma, por isso estão nos termos de ser concedidas ao suplicante, porém e sobretudo V. Excia. mandará o que fôr justo".

Como se vê, o francês obtivera 400 braças de terras no local atualmente conhecido por Weissbach, na margem sul do Itajaí Açu, na região do Salto.

Em 1841, o mesmo francês, agora com o nome grafado Monseaux, requer outras terras na margem do Itajaí. O Registro constante do livro de informações da citada Câmara está assim redigido: "Registro de informação

dada pela Câmara em uma petição de Carlos Mousseaux, de nação francesa, morador na Freguesia de Itajaí, em que pede ao Exmo Sr, Presidente da Província uma data de terras de mil e duzentas braças, na Toupava (Itoupava), no Rio do Itajaí Grande, do lado do Norte em terras devolutas, da qual obteve despacho de S. Excia. de 25 de outubro de 1841, proferido na petição do suplicante Carlos Mousseaux: esta Câmara tem a informar a V. Excia. que tendo mandado proceder as deligências da Lei, não houve opposição à pretensão do suplicante, à vista do que esta Câmara acha estar em termos de ser atendido”.

Êsse Mousseaux deve, realmente, ter prestado relevantes serviços aos colonos de São Pedro de Alcântara, na sua transferência para as terras do Itajaí, pois, contemporâneo de Agostinho Alves Ramos, interessava-se, vivamente, pelas coisas de colonização da fértil e vasta área do Vale do grande rio.

Quando, exatamente, vieram os primeiros colonos alemães de São Pedro de Alcântara para as margens do Itajaí, não se sabe ao certo. Mas, tenho para mim, em virtude dos documentos que tenho compulsado, que não se deu isso antes de 1835. Nesse ano foi que Agostinho Alves Ramos, como deputado provincial, fêz passar a lei que criou as duas colônias, uma no Itajaí Mirim e outra no Itajaí Açú. Esta última situava-se em Belchior, cuja sede era o povoado que até hoje se chama Arraial, pois, a lei que estabeleceu essas colônias determinava a criação de dois arraiais, um no citado Belchior e outro em Pocinho, ambos do lado esquerdo do rio Itajaí Açú. Depois de medidos os respectivos lotes coloniais e as datas urbanas é que começaram a vir os primeiros colonos, entre êstes os alemães de São Pedro.

Dos livros de Registro das Informações de terras da Câmara de Pôrto Belo, examinados e que se referem aos anos de 1838 até 1851, somente em 1844 é que começam a aparecer nomes de colonos alemães requerendo terras no Itajaí, e, entre êsses, prováveis parentes do ilustre autor de “Reminiscências”.

Assim, dum dos registros consta o seguinte: “Informação dada no requerimento de Antônio Vicente, José Vicente, Bernardo Vicente e João Simamon (Zimmermann!), moradores na colônia de São Pedro de Alcântara, no qual requerem à Presidência desta Província uma légua de terras de frente, com igual porção de fundos, metade da parte do sul e metade da parte do norte do riacho denominado Ribeirão das Águas Claras que desemboca no Itajaí Mirim, fazendo frente no Rio Itajaí Mirim, da parte de Leste, com fundos a leste, extremado pelo norte e Sul com o sertão devoluto”. Essa pretensão foi contestada pelo Capitão Domingos Luiz do Livramento e por Alexandre Martins Jaques que alegavam possuir sesmarias nas imediações e que a concessão do pedido dos alemães poderia prejudicá-los. A Câmara, contudo, achou que as terras poderiam ser concedidas, desde que avivados os rumos das sesmarias dos impugnantes. Não sabemos se isso se concretizou.

Em 1846, Pedro Palm, Mathias Palm, Felipe Seustrel (Sesterheim ?) e José Seustrel, todos também colonos de São Pedro, requereram meia légua em quadro no Itajaí Mirim, próxima às terras anteriormente citadas. Pedro e Mathias Palm, como se sabe, mais tarde passaram a viver na vila de Itajaí, onde o primeiro se tornou tronco de numerosa e ilustre família.

No mesmo ano, Pedro Seustraem (Sesterheim), requer outra gleba no Itajaí Mirim.

Em 1848, Henrique de Kreckler recebe uma concessão de 400 braças na margem esquerda do Itajaí Mirim, no local que ficou conhecido por "Morro do Creca" e Pedro Müller obtem 300 braças no mesmo local. Também nesse mesmo ano, Lourenço Sesterheim (até que uma vez aparece o nome certo), Henrique Wagner e João Mannebach requerem terras na margem sul do Itajaí Mirim.

Só mesmo um exame da documentação relativa à distribuição dos lotes da Colônia de Belchior poderia deixar bem clara a data em que os colonos alemães de São Pedro começaram a vir para as margens do Itajaí Açu o que, entretanto, não poderia ter sido antes de 1835.

O artigo com que o ilustre historiador catarinense, Oswaldo R. Cabral, honrou as páginas 68/70, do Tomo I (1958) de "Blumenau em Cadernos" também confirma a nossa asserção. Realmente, quando, em 1842, foram distribuídos novos lotes nos arraiais de Pocinho e Belchior, entre os colonos que ali receberam terras constam: Nicolau Deixam (Deschamps), João Jacob (Zimmermann?), João Cloques (Klock?) e "um Jacob, conhecido por Jacob alemão" e outros.

Mas não é de duvidar que os primeiros alemães de São Pedro de Alcântara tivessem vindo para o Itajaí muitos anos antes, como avança o autor de "Reminiscências". É só uma questão de pesquisar os velhos documentos relativos à colonização e povoamento do Vale do Itajaí que devem existir nas várias repartições da capital do Estado.

Na primeira oportunidade, nós tentaremos essas pesquisas.

Quando trabalhava na exploração do traçado da futura estrada entre Blumenau e Curitiba, o engenheiro Emílio Odebrecht descobriu uma espécie de carangueijo que habitava os regatos afluentes do Marombas, nos campos de Lajes. Lembrou-se logo de levar o achado ao seu amigo, Dr. Fritz Müller que verificou tratar-se de uma espécie nova do gênero *Aeglea*. Até então, não havia notícias de que êsses crustáceos existissem nas costas e no interior do Brasil, pois, os estudos a seu respeito os davam como habitando, unicamente, as costas sulamericanas do Pacífico. Como descritor da descoberta, coube a Fritz Muller batizar a espécie, que êle denominou *AEGLEA ODEBRECHTII*; ligando, assim, o nome do engenheiro Odebrecht ao interessante achado científico.

O crustáceo vem descrito com muitos permenores no "Janaische Zeitschrift", de Jena, Alemanha, Tomo X, pags. 13/24.

Nestes «Cadernos», por mais de uma vez, temos dado notícias de plantas que receberam nomes de catarinenses ilustres. O Padre Raulino Reitz, botânico dos mais ilustres, já publicou até um trabalho nesse sentido, nesta revista. Entre os filhos do Vale do Itajaí, que podem orgulhar-se de ter o seu nome perpetuado na classificação científica de vegetais, está o Dr. Guilherme Gemballa, de Rio da Sul. Foi dado o nome de "MITHRANTES GEMBALLAS" a uma árvore de espécie nova que habita uma pequena várzea que margeia o Itajaí Açu, em Matador, e que o Dr. Gemballa descobriu.

AVIAÇÃO SEM MOTOR

Blumenau tem sido pioneiro em muitas iniciativas. Umas bem sucedidas; outras verdadeiros fracassos. A êsse respeito já dissemos muita coisa nestes "Cadernos". Luz elétrica, cinema, automóvel, tecidos, rádio, enfim, numa porção de coisas Blumenau teve a primazia no Estado.

Pois, em 1926, tentou-se aqui, também, fazer Blumenau pioneiro na construção de planadores. O terreno estava preparado. A Alemanha, em 1918, havia sido derrotada no grande conflito mundial. Viera o tratado de Versailles e, com êste, as grandes restrições impostas aos vencidos. A Alemanha, durante a guerra, apresentara uma aviação eficiente em número e em atuação. Com a derrota, teve de entregar aos vencedores um grande nú-



A carcassa do "Phoenix" quando estava sendo montada por um grupo de entusiastas da aviação. Como se vê, a coisa não foi brincadeira de crianças. Foi um trabalho sério, árduo, que demandou muito esforço, grandes despesas e não menor soma de entusiasmo e desprendimento.

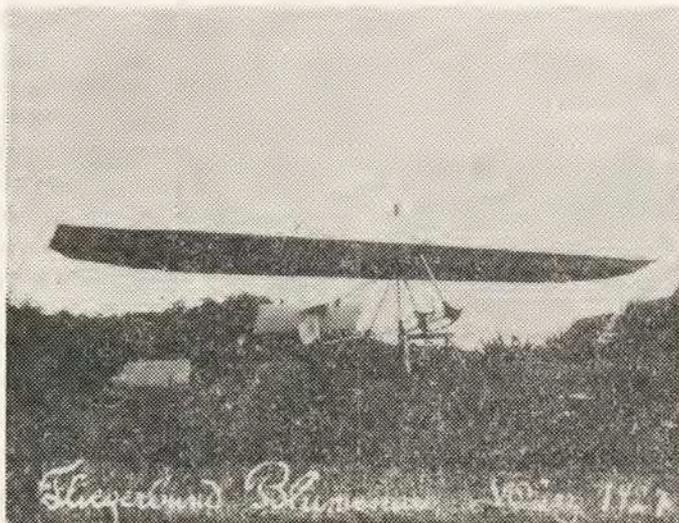
mero de aeronaves, tendo sido reduzidos à sucata nada menos de 14 mil aviões e 27.500 motores, além de uma quantidade enorme de instrumentos de navegação aérea.

Proibida de fabricar aeroplanos, a nação voltou-se para os planadores. Veio uma verdadeira febre de fabricação de aviões sem motor. Em 1920, um grupo de hábeis e apaixonados aviadores alemães decidiu: "Já que não é permitido voar com motor, voaremos sem êle. A águia e os demais pássaros podem fazê-lo. Porque não poderemos nós?" Em agosto dêsse ano, fêz-se a primeira experiência, cujos resultados não foram muito encorajadores. No ano seguinte, pela primeira vez conseguiu-se a permanência

no ar, em planador, por 21 minutos. Em 1923, o engenheiro Heutzen voou num planador construído pelos alunos da Escola Politécnica de Hannover durante 3 horas e 10 minutos. Daí por diante a navegação aérea sem motor começou a desenvolver-se e a conquistar, dia a dia, novos sucessos.

Juntamente com a repulsa às imposições do Tratado de Versailles, a lebre da aviação sem motor ultrapassou as fronteiras da Alemanha e da própria Europa. Formada por elementos de origem alemã, a população de Blumenau não ficou indiferente a êsse estado de coisas. Os jornais locais, escritos em alemão, se encarregavam de reproduzir, para a zona colonial, as opiniões e os sentimentos do povo germânico.

Em 1924, a 1.º de julho, o escritor e aviador alemão Erich Laskowski, pronunciou, no Teatro Frohsinn, nesta cidade, uma conferência sobre o tema: "A aviação alemã e especialmente a aviação sem motor". Essa conferência, fartamente divulgada pela imprensa, foi assistida por grande número de pessoas, impressionando, especialmente, àquelas que já sentiam propensão para o útil, porém, perigoso esporte. Havia vários dêsses elemen-



Depois de pronto, o planador "Phoenix" aguarda o momento do lançamento.

Era um aparelho elegante, bem trabalhado e que, realmente, apresentava características técnicas que muito diziam do conhecimento e da habilidade dos seus idealizadores. Foi uma aventura que teve o sucesso que se esperava, mas que, entretanto, mostrou que tudo se consegue quando se tem fé e amor a uma causa nobre.

tos em Blumenau, os quais, estimulados pelo conferencista e outros aviadores alemães, entre os quais se contava o Pastor Enders, reuniram-se, dias depois, no Bar e Restaurante de Oscar Gross, na rua 15 de Novembro e resolveram fundar uma sociedade a que foi dado o nome de "Fliegerbund Blumenau" (Sociedade Blumenauense de Aviação). Durante a reunião, o pastor Enders,

de Badenfurte realizou uma conferência, com slides, sôbre a viagem do dirigível Z. R. III, que vivamente impressionou os assistentes. A ata da fundação foi assinada por 35 interessados, entre os quais se encontravam engenheiros e técnicos. Ficou resolvido, na ocasião, que a próxima reunião seria a 23 do mesmo mês, com a seguinte ordem do dia: "possibilidades e materiais para a construção de um planador".

Franz Kreuzer pôs a sua oficina mecânica à disposição e, como especialista em madeiras, encarregou-se dos trabalhos nesse material. Os senhores Schmurr e filho tiveram ao seu cuidado os ajustamentos e montagem; o sr. Muetze encarregou-se da cobertura e o aviador-planador Espenlaub também teve parte muito ativa, assim como o sr. Loehr, o sr. Hoppe e os irmãos Gustavo e Lothar Otte e muitos outros, não se devendo esquecer, também, o nome do sr. Steinmann que dirigiu os trabalhos mecânicos. Diversas firmas puzeram o indispensável material à disposição, como a Companhia Hering, a firma Kirsten e outros. Começaram as aulas teóricas e práticas. As teóricas foram dadas pelos padres franciscanos, que se mostravam muito interessados e as práticas pelo sr. Muetze. Trabalhando em horas livres, aprontou-se o aparelho mais ou menos em um ano de esforços.

Afinal, em abril de 1927, o avião estava pronto e foi expôsto na Sociedade dos Atiradores (atual Tabajara), onde seria batizado no domingo de Páscoa, sendo padrinhos o Dr. Victor Konder e senhoritas da nossa sociedade.

O «Urwaldsbote» de 22 de abril publicava a seguinte notícia na seção de "Locais": "Avião sem motor. O primeiro planador construído no Brasil acha-se atualmente em exposição na Sociedade dos Atiradores e poderá ser visitado até amanhã. Construiu-o a "Sociedade Blumenauense de Aviação" ("Fliegerbund Blumenau). No batismo, ocorrido no domingo da páscoa, o planador recebeu o nome de "Phoenix". A senhorita Hilda Meyer foi a madrinha. Falaram na ocasião o Juiz de Direito, Dr. Amadeu Luz, o sr. Pedro Cristiano Feddersen e o sr. Cônsul Oto Rohkohl. O avião tem 11 metros de envergadura, de asa a asa, e estas têm 1m, 60 de largura. O comprimento é de 5m, 25. Tem capacidade de 8, 7 quilos de pêso por m²."

Chegou, por fim, o momento de voar. Escolheu-se local apropriado em Gaspar. E apesar de se ter guardado segredo, compareceu muita gente à prova. O sr. Muetze, que fôra aviador na guerra de 1914/18, tomou a si o encargo de tripular o

planador e dirigi-lo. Era um domingo. Mas os ventos, importantes nesse gênero de aviação, não estavam favoráveis. Pensou-se em transferir a prova para dia mais propício. Mas os espectadores queriam ver alguma coisa. Tinham, muitos deles, vindo de longe e não estavam dispostos a perder a longa caminhada sem alguma compensação. Meutze resolveu, [pois, enfrentar a sorte e voar assim mesmo. Retesado o cabo de lançamento e dada a ordem de "solta!", o avião deslizou rápido pelo solo e, poucos segundos depois estava no ar, planando sob os aplausos



O grupo de entusiastas blumenauenses que idealizou o planador "Phoenix" aqui se vê, num momento de descanso. Foi uma equipe de idealistas que não poupou sacrifícios nem dinheiro para levar a cabo uma idéia que tornaria Blumenau pioneiro em mais um interessante ramo de atividade.

da multidão. Elevou-se a uma altura de 70 metros. Mas foi só. Ou por isso, ou por aquilo, foi perdendo altura até que encontrou o solo de maneira tão infeliz que uma asa ficou espatifada. Teve que voltar à oficina. Mais tarde, tentaram-se novos vôos, infelizmente com pouco sucesso, até que o desânimo tomou conta dos entusiastas blumenauense que, acabaram por abandonar o projeto.

Contudo isso, a aventura foi mais um exemplo do quanto podem realizar o entusiasmo e a boa vontade quando a serviço de uma causa nobre.

○ Dr. Blumenau havia instituído a data de 28 de agosto de 1852 como o da fundação da Colônia. Essa era a data da distribuição dos primeiros lotes coloniais. Posteriormente, em 1900, a Câmara Municipal fixou definitivamente, como dia da fundação de Blumenau, o 2 de setembro de 1850, dia da chegada dos primeiros 17 colonos.

**“A NOSSA TRADIÇÃO VALE
POR UM BOM NEGÓCIO”**

SERVIMOS HÁ 35 ANOS

CALÇANDO BLUMENAU

CALÇADOS ?

PENSE NO LORGUS

Rua 15 de Novembro, 383

Tipografia Centenário Ltda

No ramo a melhor

Rua 15 de Novembro, 1.422

BLUMENAU · Santa Catarina

Carimbos de Borracha REAL Ltda.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Datadores, Numeradores,
Carimbos em Geral,
Tintas e Almofadas.

Rua 15 de Novembro, 1.306

BLUMENAU - SANTA CATARINA

INDÚSTRIA TÊXTIL

Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina • Brasil

RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL, N.º. 2

TELEGR.: <TRICOT>



Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria